

A política da natureza brasileira em “A ilha da maré”, de Manuel Botelho de Oliveira**Adriana de Fátima Barbosa Araújo¹**

Resumo: No poema “A Ilha da maré” (1705), de Manuel Botelho de Oliveira, encontramos à primeira vista uma descrição da natureza brasileira como sendo maior e melhor que a de Portugal, Holanda e China - é uma descrição maravilhada pelo novo mundo - na linha de textos inaugurais do Brasil na literatura como a Carta, de Pero Vaz de Caminha, ou as de Américo Vespúcio. A descrição engrandece o Brasil, mas não passa do limite do que podia a colônia em relação a sua metrópole. O que chama atenção é que nos versos são encarnadas palavras como lucro, liberal e mais-valia e essas palavras aparecem nas descrições como elementos associados às características naturais dos frutos e vegetais brasileiros. Nessa relação natureza-economia, o poema culmina na afirmação dos quatro “AA” que compõem o Brasil: águas, ares, arvoredos e açúcar. No poema, a mercadoria açúcar aparece não como produto de cruéis relações de produção baseadas na exploração do braço escravizado e ao custo do desgaste intenso e desmedido da terra. Que sentido tem isso no poema? Que efeito isso gera no leitor? Esta comunicação pretende estudar por meio das relações entre a estética e a política, o modo como está configurada a dialética entre a autonomia do texto literário e sua conexão com a vida social.

Abstract: In the poem “A ilha da Maré”, from Manuel Botelho de Oliveira, at first sight one finds a description of brazilian nature as something better and bigger than everything that existed in Portugal, Netherlands and China - it is a description amazed by the new world - on the path of inaugural texts of Brazil in literature, such as Pero Vaz de Caminha's Letter or those from Américo Vespúcio. The description exalts Brazil up to the point of what a colony could do before its metropolis. What does draw attention is that verses embodies words such as profit, liberal and surplus value as elements related to the natural characteristics of brazilian fruits and vegetables. Considering the relation in between nature-economy, the text culminates with the statement of the four “AA” in which Brazil is made of (words in Portuguese than in English): águas (water), ares (winds), arvoredos (a grove of trees), açúcar (sugar). In the poem, the merchandise sugar is showed not as a product of the cruel exploitation of slaved arms nor from the cost of the intense and huge land waste. What does it mean in the poem? What is the effect on the reader? This work intends to study, throughout the relations in between esthetics and politics in the poem, the dialectics in between literary text autonomy and its connection with social life.

¹ Professora Doutora Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL, Universidade de Brasília - UnB.

É preciso afirmar logo de início que esse texto apresenta algumas ideias de uma pesquisa em andamento e por isso está colocado em nível inicial de estudo sobre a matéria. Para estudá-la me valho de alguns pontos de partida importantes colocados no texto introdutório², de autoria de Ivan Teixeira, presente na edição fac-similar da obra *Música do Parnaso* da qual o poema “A ilha da Maré” faz parte. Esta edição foi publicada em 2005 por ocasião dos trezentos anos da primeira publicação da obra de Manuel Botelho de Oliveira e representa um feito importantíssimo para os estudos desses poemas uma vez que antes dessa edição, a obra, na íntegra, só havia sido publicada uma vez em 1953, em dois volumes pelo Instituto Nacional do Livro. Também são fundamentais os textos de João Adolfo Hansen, especialmente o ensaio “Retórica da Agudeza”³.

Embora seja reconhecida como a primeira obra publicada de um filho do Brasil, a obra é multilíngue: apenas trinta por cento dela está escrita em português. As partes em italiano e latim não somam 5 por cento. O castelhano, assim como antes foi o grego, o latim e o italiano era nesse período a língua adequada ao exercício do verso agudo - a poesia engenhosa do Seiscentismo, chamada barroca a partir do século XIX. O poema “A ilha da maré” que estudo nesse trabalho é um dos textos escritos em português na obra.

É importante dizer que a obra foi escrita no momento em que a poesia de agudeza encontra seu e também sua reação neoclassicista. O estilo engenhoso tão vigoroso nas obras de um Camões, de um Gôngora consolida nessa altura uma prática poética regida pelas preceptivas retóricas do século XVII em que a agudeza é definida como a metáfora resultante da faculdade intelectual do engenho, que a produz como “belo eficaz” ou efeito inesperado de maravilha que espanta, agrada e persuade. A agudeza existe em vários níveis e até nas ações humanas como afirma Baltazar Gracián em seu *Agudeza e arte de Engenho*. Mas a agudeza do conceito - aproximação inesperada de ideias distantes que redimensiona o mundo é a mais perfeita. Também e até a agudeza no nível das palavras pela aproximação de sons, de grafia ou de origem conceituais produz efeitos brilhantes de pensamento.

Por ser faculdade do pensamento, age revelando e desvelando conexões entre aparência e essência das coisas no mundo. Mas não de modo aleatório, mas por meio de tropos, figuras, silogismos, a arte da agudeza transita entre a dialética e a retórica. Nesse sentido se funda na concepção da poesia como imitação de estilos e de assuntos da tradição. A novidade do poeta é redimensionar as tópicas - imitá-las com tal arte e engenho que no mesmo lugar comum novas maravilhas sejam desveladas. Nunca são abandonados os lugares comuns porque resulta da referência a eles a inteligibilidade da comunicação.

² Texto intitulado “A poesia aguda do engenhoso fidalgo Manuel Botelho de Oliveira” publicado em *Música do Parnaso/Manuel Botelho de Oliveira*: edição fac-similar [1705-2005]. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

³ Publicado na revista *LETRAS CLÁSSICAS*, n. 4, p. 317-342, 2000.

Na expansão dos assuntos, a agudeza age principalmente no pensar em paralelismos e contraposições - de onde se tira a importância máxima dada à metáfora e à antítese. Então ao penetrar a essência das coisas, inapreensíveis por definição, o poeta descobre inesperadas relações com outras ideias pertencentes a gêneros e espécies muito diferentes e extrai delas as mais recônditas noções para as associar - o que desencadeia maravilhas imprevistas no juízo. Nesse processo a fantasia redescobre a realidade das sutilezas do mundo e as realça. A dialética do engenho - no seu pensar agudo transforma a matéria humilde em tema fértil caminhando paralelos e contrapostos.

Depois de colocar muito brevemente algumas noções para que se possa entrever algo mundo poético em que a obra foi composta, faço duas observações importantes. A primeira refere o uso do termo poeta apenas no gênero masculino e infelizmente também é parte desse tempo a "inexistência" da escrita de mulheres. Em *Um teto todo seu*, Virginia Woolf imagina como seria para uma mulher escrever no século XVII, ou seja, não seria. Seria impossível. Então dizer "o poeta", algo que faço, guarda, pelo menos para mim, uma dimensão trágica no sentido de que é algo com o qual é impossível conviver, mas também impossível de transformar - impossível naquele tempo, bem entendido. Nesse sentido, não poderia deixar de fazer essa observação.

A segunda refere um problema muito grande que vou apenas referir, mas não vou, também por economia de tempo, poder me aprofundar agora,

e que diz do esforço realizado pelo Ivan Teixeira de recuperação de um autor e uma obra que no escopo da crítica literária brasileira de cunho nacionalista e romântico valorizou a produção literária pelo viés do biografismo e do nativismo. Antônio Candido é o grande nome dessa polêmica pelo seu grande ensaio *Formação da Literatura Brasileira*. Há questões que precisam ser reabertas para que o pensar mais completo e lúcido do processo de implantação da língua poética no Brasil.

Assim, para o âmbito deste trabalho, pensar que, embora estejamos falando de um poeta nascido no Brasil, devemos observar que ele, como poeta europeu, independentemente da língua que fala, é formado nas línguas da poesia e em um mundo poético extremamente codificado em que a arte do poeta consiste em reduplicar, emular, imitar, modelos previamente estabelecidos como ótimos. O poeta adquire o perfil de um letrado discreto do Antigo Regime que vê o Brasil, lugar em que nasceu, como algo a ser cantado para melhor exaltar o império português de que é um fidalgo.

E, como poeta, para redimensionar procedimentos consagrados pela tradição, nela incorporando a novidade que representava o Brasil. É como se na história milenar da poesia que havia nascido na Grécia e depois passou por Roma - tendo se espalhado em língua vulgar pela Itália, chegando à Espanha e Portugal então agora caberia a ele dar continuidade ao percurso dessa arte, fazendo nela surgir a partir das conhecidas tópicas as desconhecidas e incultas terras do Brasil. Antes do eu psicológico e dos nacionalismos é um sistema

internacional, preso às prédicas aristotélicas em que a poética está ligada à retórica, senão mesmo subordinada, que organiza a produção poética.

Botelho de Oliveira, vivendo no Brasil, pensava como europeu e usa a tópica camoniana da ilha paradisíaca para referir o Brasil. Passamos então ao estudo do poema. Embora o modelo seja Camões, já estava a esta altura construída a ideia do Brasil como algo em que tudo é maior e melhor. Afinal, desde os documentos que descrevem o achamento das novas terras, a visão do Brasil paira, também como já colocou Sérgio Buarque de Holanda, entre visão do paraíso, pela exuberância da natureza, e visão do inferno pela antropofagia e outras práticas dos bárbaros indígenas.

Também já nesse momento da colonização o inferno dos engenhos gera o branco doce do açúcar. Está já na leitura que Luiz Roncari faz do período em seu livro *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*, o contraste entre o que fica descrito por Antonil em *Cultura e Opulência do Brasil* sobre a realidade cruel da produção de açúcar no Brasil setecentista e a naturalização do açúcar no poema de Botelho de Oliveira como tão natural do Brasil como as águas, os ares e os arvoredos, como adiante veremos em pormenor e com interposição das mediações necessárias para o estudo.

Primeira coisa já ficou dita: o exercício poético do período regido pelas prédicas aristotélicas e pelas tópicas da agudeza. E é nesse exercício que, em “A ilha da Maré”, a invenção poética busca

distantes conceitos como mais-valia, lucro e liberal para explicar a exuberância das frutas e legumes do Brasil. Há o estabelecimento de pelo menos duas relações entre parte e todo: enaltecer o Brasil - enaltecer o império português; cantar a parte - ilha da maré (Salvador), cantar o todo: Brasil.

No poema, há a antropomorfização do mar e da terra em dois amantes cujo amor dá os frutos que são descritos pelo engenho agudo do poeta. Copio abaixo os 22 primeiros versos da composição que se apresenta como “Sylva”, gênero poético usado por Gôngora por influência italiana em que há uma tendência a anti-estrofização pela relativa liberdade métrica em que são usados versos endecassílabos e heptassílabos. É considerado o mais moderno dos gêneros da poesia clássica espanhola. Além de Gôngora, também as églogas de Garcilaso de la Veja são escritas em silvas.

Jas em obliqua forma, & prolongada
 A terra de Maré toda cercada
 De Neptuno, que tendo o amor constante,
 Lhe dá muytos abraços por amante,
 E botandolhe os braços dentro della
 A pretende gozar, por fer muy bella.
 Nefta assistencia tanto a senhorea,
 E tanto a galantea,
 Que do mar de Marè tem o appellido,
 Como quem prèsa o amor de seu querido:
 E por gosto das prendas amorosas
 Fica marè de rosas,
 E vivendo nas ânsias successivas,
 São do amor marès vivas;
 E se nas mortas menos a conhece,

Marè de saudades lhe parece.
 Vista por fõra he pouco appetecida,
 Porque aos olhos por fea he parecida;
 Porèm dentro habitada
 He muyto bella, muyto desejada,
 He como a concha tosca, & deslustrosa,
 Que dentro cria a perola fermosa. (OLIVEIRA,
 2005, 127)

O poema tem 849 versos, nos sendo impossível a leitura de sua totalidade nessa apresentação - por isso copio logo abaixo apenas dois trechos em que as palavras mais valia e depois liberal.

As laranjas da terra
 Poucas azedas são, antes se encerra
 Tal doce nestes pomos,
 Que o tem clarificado nos seus gomos;
 Mas as de Portugal entre alamedas
 São primas dos limões, todas azedas.
 Nas que chamam da China
 Grande sabor se afina,
 Mais que as da Europa doces, & melhores,
 E têm sempre vantagem de mayores,
 E nesta mayoria,
 Como mayores são, têm mais valia. (OLIVEIRA,
 2005, 129-130)

As fruytas quase todas nomeadas
 São ao Brasil de Europa trasladadas,
 Porque tenha o Brasil por mais façanhas
 Além das próprias fruytas, as estranhas.
 E tratando das próprias, os coqueyros,
 Galhardos, e frondosos
 Criam cocos gostosos;
 E andou tão liberal a natureza
 Que lhes deu por grandeza,

Não só para bebida, mas sustento,
 O néctar doce, o cândido alimento. (OLIVEIRA,
 2005, 131)

Para fechar o *corpus* antes de tecer breve análise, também copio o final do poema em que o engenho poético realiza a incorporação do açúcar aos AA que recompõe a natureza brasileira pela agudeza.

Tenho explicado as fruytas, & legumes,
 Que dão a Portugal muytos ciumes;
 Tenho recopilado
 O que o Brasil contém para invejado,
 E para preferir a toda a terra,
 Em si perfeitos quatro AA encerra.
 Tem o primeiro A, nos arvoredos
 Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
 Tem o segundo A, nos ares puros,
 Na temperie agradáveis, & seguros;
 Tem o terceiro A nas águas frias,
 Que refrescam o peyto, & são sadias,
 O quatro A no açúcar deleytoso,
 Que he do Mundo o regalo mais mimoso.
 São pois os quatro AA por singulares
 Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares. (OLIVEIRA,
 2005, 135)

O poeta baiano - pensando como europeu - e para exaltar a coroa portuguesa por meio da exaltação de uma sua parte realiza por meio das convenções poéticas de sua época a invenção da natureza brasileira muito próxima do ideário liberal. É pela agudeza, mas também e aqui além de chegar ao fim da apresentação também chego no impasse a que me coloco na pesquisa, qual seja: a necessidade de pensar que para além das tópicas o poeta de algum modo capta o sentido do

caminhar da história - sendo necessário aproximar de modo visceral a natureza do brasil à natureza do açúcar. Todo um povo colocado à serviço da produção de açúcar, tabaco, algodão e couro para quê? Para servir quais interesses? E daí poderíamos pensar como a literatura participa da legitimação das políticas dominantes. E assim pensar também nosso papel ao ensinar literatura - justo hoje comemoramos o dia do professor. Mas confesso que as mediações para colocar os temas com que pensar essa relação entre a estética e a política ainda tem que ser desenvolvidos ao longo da pesquisa.